

Algumas repercussões da apropriação do pensamento bakhtiniano em manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros¹

Some repercussions of the appropriation of Bakhtinian thought in Brazilian introductory handbooks of Discourse Analysis

Grenissa Stafuzza²
Universidade Federal de Catalão - UFCAT
grenissa@ufcat.edu.br

RESUMO: No processo de divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil, é importante conhecer a leitura que a Análise do Discurso brasileira fez/faz das obras bakhtinianas nos seus manuais introdutórios, pois, ao considerar as traduções a que se tinha acesso, nas primeiras recepções, e a compreensão das diversas autorias que formam o conjunto das obras de Bakhtin e do Círculo (Volóchinov, Medviédev) em suas atualizações, a disciplina elege Bakhtin como um de seus autores fonte. Portanto, analisa-se dois importantes manuais introdutórios brasileiros, *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão (Campinas: EDUC, 1991; primeira edição) e *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (São Paulo: Pontes, 2021; obra reelaborada e atualizada), por comporem a história da disciplina na universidade brasileira. O resultado da análise mostra as contribuições bakhtinianas, ou melhor, as migrações teóricas conceituais (Arán, 2024), para o quadro teórico da Análise do Discurso brasileira, com destaque para as concepções de língua e de sujeito, bem como atualizações e consolidação de leituras do pensamento bakhtiniano realizadas pela disciplina. Interessa, ainda, neste trabalho, reconhecer e valorizar a importância dos manuais introdutórios no processo de formação de estudantes e professores da graduação e da pós-graduação na universidade brasileira.

Palavras-chave: Recepção; Bakhtin; Volóchinov; Análise do Discurso; Manuais introdutórios brasileiros.

ABSTRACT: In the process of divulging Bakhtinian thought in Brazil, it is important to know the reading that Brazilian Discourse Analysis did/does of the Bakhtinian works in their introductory handbooks, for, considering the translations to which one had access, in their initial receptions, and the understanding of various authors who make up the set of works by Bakhtin and the Circle (Voloshinov, Medvedev), in their updates, the discipline elects Bakhtin as one of its source authors. Therefore, two important Brazilian introductory handbooks are analyzed: *Introdução à Análise do Discurso*, by Helena Nagamine Brandão (Campinas: EDUC, 1991; first edition), and *Análise do Discurso:*

¹ O presente artigo apresenta os resultados da primeira etapa da pesquisa pós-doutoral realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a supervisão de Cristiane Carvalho de Paula Brito. O plano de trabalho tem como proposta o estudo das apropriações teóricas de Bakhtin e do Círculo (Volóchinov, Medviédev) em manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros e franceses.

² Professora titular do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Federal de Catalão. Líder do GEDIS – Grupo de Estudos Discursivos (CNPq/UFCAT).

reflexões introdutórias, by Cleudemar Alves Fernandes and Israel de Sá (São Paulo: Pontes, 2021; reworked and updated work), as they compose the history of the discipline in Brazilian universities. The result of this analysis displays Bakhtinian contributions, or rather, the conceptual theoretical migrations (Arán, 2024), to the theoretical framework of Brazilian Discourse Analysis, highlighting the concepts of language and subject, as well as updates and consolidation of readings of Bakhtinian thought undertaken within the discipline. It is of interest to this work, also, to recognize and valorize the importance of introductory handbooks in the training process of undergraduate students, professors, and postgraduate professors in Brazilian universities.

Keywords: Reception; Bakhtin; Volosinov; Discourse Analysis; Brazilian introductory handbooks.

As migrações humanas se dão por uma diversidade de fatores e, diferente das aves, não estão programadas pela natureza. A revelia dos riscos dolorosos, todavia, são fonte de misturas riquíssimas que transformam certas paisagens culturais e criam novas identidades (Arán, 2024, p. 168).

Introdução³

Boris Schnaiderman (1917-2016), Professor Emérito da Universidade de São Paulo (USP), foi o grande divulgador da literatura russa no Brasil com suas traduções diretas, sendo que antes dele, as traduções das obras literárias russas eram feitas a partir do inglês ou do francês. Fundou o curso de russo na USP em 1960 e, posteriormente, em 1963, foi instituído o curso de língua e literatura russa; é ainda responsável por formar toda uma geração de tradutores. No contexto histórico da recepção e divulgação dos escritos de Bakhtin no Brasil é o nome de Boris Schnaiderman que se destaca como o precursor na difusão das ideias bakhtinianas. Em uma entrevista concedida a Geraldo Tadeu de Souza, realizada em 2008 e publicada em 2009, Schnaiderman afirma que conheceu Bakhtin através de uma tradução italiana de *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) presenteada pelo amigo Haroldo de Campos, e que passa a se dedicar a estudar Bakhtin a partir de fins de 1969.

Antes mesmo de publicar o seu *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, em 1983 (São Paulo: Duas Cidades), Schnaiderman ministra disciplinas – no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da USP –, a partir de 1971 acerca do pensamento bakhtiniano, isso significa dizer que a divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil deu-se de modo inaugural no espaço da sala de aula. A data de 1971 é notável, pois a primeira tradução brasileira foi *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL) realizada por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (São Paulo: Hucitec) a partir do francês, em 1979: oito anos antes, o professor Schnaiderman ministrava cursos sobre Bakhtin na literatura⁴. Nesse contexto, pode-se afirmar que a obra de Bakhtin tem sido estudada e difundida por quase cinco décadas no Brasil.

³ Parte do que se apresenta nesta introdução foi revisado e ampliado de: STAFUZZA, Grenissa. O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: episteme, autoria e tradução em perspectiva dialógica. *Heterotópica*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 66-82, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48519>. Acesso em: 28 nov. 2025.

⁴ Ver mais sobre o tema nos artigos de Clara Ávila Ornellas, Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões (*Espéculo*, Revista de estudios literarios, Madrid, n. 43, 2009-2010) e de Maria Augusta Fonseca, Mestre Boris e o saber socializado (*Literatura e Sociedade*, Edição Especial em homenagem a Boris Schnaiderman, v. 23, n. 26, 2018, p. 101-111. Disponível em: <https://revistas.usp.br/l/article/view/148513/142148>. Acesso em: 27 nov. 2025).

Os resultados das primeiras pesquisas de base bakhtiniana começam a circular nos anos de 1980 e tem seu crescimento exponencial nas décadas subsequentes. Para mencionar um trabalho que introduz o pensamento bakhtiniano no Brasil, especialmente nas áreas de Linguística e Literatura, destaca-se a coletânea *Uma introdução a Bakhtin*, organizada por Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Beth Brait, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari e Rosse Marye Bernardi (Curitiba: Hatier), de 1988. Essa coletânea coloca em evidência o trabalho de pesquisadores(as) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade de São Paulo (USP) que viriam a se tornar divulgadores(as) da vertente bakhtiniana.

Na edição em comemoração aos 80 anos da primeira versão de *Problemas da poética de Dostoiévski* (doravante, PPD), em 2008, Paulo Bezerra acresce o prefácio “Uma obra à prova do tempo”, apontando Boris Schnaiderman e José Guilherme Merquior como os primeiros a contribuir para a divulgação do pensamento bakhtiniano no campo de estudos literários e culturais. No campo da linguística, Bezerra aponta Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Beth Brait e José Luis Forin. O próprio Paulo Bezerra figura-se como tradutor de grande parte das obras de Bakhtin que se destaca neste contexto histórico de pioneirismo de leitura e divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil.

As datas das publicações até aqui mencionadas apontam um dado importante sobre as pesquisas bakhtinianas no Brasil: Bakhtin e o Círculo (especialmente, Volóchinov e Medviédev pelas traduções a que se tem acesso) começam a ser pesquisados mais fortemente pela academia somente no final dos anos 80, início dos anos 90⁵ do século XX. No entanto, quando se instaura no Brasil, os estudos bakhtinianos encontram terreno sólido para pesquisas nas áreas da linguística e da literatura. A partir do ano 2000, com o advento da internet, começa a circular na *web* traduções acadêmicas para uso didático de importantes textos de autoria de Bakhtin e de Volóchinov, o que aponta para os esforços dos tradutores e professores na divulgação do pensamento bakhtiniano na universidade brasileira.

A tradução acadêmica do texto “Discurso na vida e Discurso na arte (sobre poética sociológica)”, foi realizada por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, em 1988, para uso didático e acadêmico. Com autoria registrada como sendo de Voloshinov/Bakhtin, feita a partir da tradução inglesa de I. R. Titunik (*Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*), publicada em *Freudism*, de Voloshinov (New York. Academic Press,

⁵ A edição de *Estética da criação verbal* traduzida do russo por Paulo Bezerra é publicada em 2003 (São Paulo: Martins Fontes), sendo que, até então, os(as) pesquisadores(as) contavam com a versão traduzida do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, de 1992, publicada pela mesma editora.

1976), o texto passa a circular na internet com a data de maio de 2000, sendo esta a data que registra a sua divulgação aberta, disponível na rede.

Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza também traduzem *Para uma filosofia do ato*, de Bakhtin, exclusivamente para uso didático e acadêmico, a partir da tradução inglesa de *Toward a philosophy of the act* (Austin: University of Texas Press, 1993, Translations and Notes by Vladim Liapunov, Edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov). A tradução foi realizada no ano de 1997 e também passa a circular na *web* a partir de 2000. Outra importante tradução acadêmica é do texto “Estrutura do enunciado” (1930), de Voloshinov, realizada por Ana Vaz a partir da tradução francesa de Tzevan Todorov, “La structure de l’énoncé”, publicada na obra *Mikhail Bakhtin: le principe dialogique. Suive de écrits du Cercle de Bakhtine* (Paris: Seuil, 1981). Ana Vaz realizou a tradução enquanto cursava o doutorado em Letras (2006-2009), na Universidade Federal de Pernambuco.

Além disso, as biografias de autores estrangeiros que lançavam luz sobre a composição do Círculo de Bakhtin e sua atuação com autoria dialógica começavam a circular na universidade brasileira, com destaque para *Mikhail Bakhtin* (Cambridge, Harvard University Press, 1984), de Clark e Holquist, com tradução no Brasil de J. Guinsburg (1921-2018), publicada em 1998, pela Editora Perspectiva. Mais contemporaneamente, tem-se um amplo acervo de traduções dos textos bakhtinianos do russo – com destaque para Paulo Bezerra e a parceria entre Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo, especialmente, pela Editora 34 –, amplamente estudadas no campo dos estudos da linguagem.⁶

No campo linguístico, o nome de Bakhtin aparece não somente compondo o quadro teórico da Análise do Discurso (AD), mas também estabelece interface de pesquisa na Linguística da Enunciação (ou Linguística Enunciativa), Linguística Textual, Linguística Aplicada, Sociolinguística, Linguística Sistêmica, Semiótica (especialmente, na Semiótica da Cultura), dentre outras disciplinas. Isso acontece porque o pensamento bakhtiniano traz uma abertura teórica para investigar a linguagem considerando seu aspecto social, seus processos de interação e funcionamento. Para Marcuschi (2008, p. 152), “Bakhtin representa uma espécie de bom-senso [sic] teórico em relação à concepção de linguagem” e, com o respeito às diversas autorias que hoje temos conhecimento pelas pesquisas e traduções diretas do russo das obras que compõem o conjunto de escritos de Bakhtin e do Círculo (Volóchinov e

⁶ Para além das traduções a que se tem acesso, existe um conjunto de ações na universidade brasileira, desde as primeiras recepções de Bakhtin e do Círculo, de divulgação como, por exemplo, publicação de coletâneas, dossiês em periódicos, eventos, grupos de pesquisa. Ver mais em: SOUZA, Nathan Bastos de. Estudos bakhtinianos: acesso, agenda e circulação das ideias no Brasil. In: STAFUZZA, G.; SOUZA, N. B. (Orgs.). *O Círculo de Bakhtin (Volóchinov, Medviédev) no Brasil: história, interações em pesquisa e o porvir*. Campinas: Mercado de Letras, 2025, p. 15-69.

Medviédev), compreende-se com Volóchinov (2017, p. 224, grifos do autor) que “*A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes*”.

Nesse sentido, investiga-se aqui, especificamente, dois importantes manuais introdutórios de AD brasileiros, tais sejam: *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão (Campinas: Editora da Unicamp, 1991; primeira edição), um marco histórico da AD brasileira, pois constitui-se como uma das primeiras recepções críticas do campo de caráter introdutório e *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (São Paulo: Pontes, 2021; obra reelaborada e atualizada) por ser um manual introdutório que passou por atualização e ampliação. Ambos, por serem manuais introdutórios que possuem como público-alvo estudantes e professores(as) da graduação e da pós-graduação da área de Linguística, constituem-se como leitura primeira, panorâmica da disciplina, ao mesmo tempo que indicam textos para aprofundar o conhecimento na AD. Configuram-se, sobretudo, como dois importantes manuais de formação para professores(as) e estudantes da disciplina.

Além desta introdução, o artigo encontra-se dividido em três seções: a primeira, intitulada “Dados dos manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros em estudo”, apresenta os manuais introdutórios de AD brasileiros como *corpora*, destacando suas edições e importância acadêmica e comercial para o desenvolvimento da disciplina na formação de professores(as) e alunos(as) universitários(as), especialmente, da área de Linguística; a segunda seção, intitulada “Bakhtin e Volóchinov pelas lentes dos manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros e a concepção de língua”, examina a recepção de obras dos pensadores russos pelos manuais, com foco na apropriação da concepção de língua em seu quadro teórico; a terceira seção, intitulada “Sujeito e a ampliação do conceito de polifonia nos manuais introdutórios em estudo”, investiga a leitura realizada pelo campo da AD brasileira da concepção de sujeito bakhtiniano (sujeito polifônico) e a ampliação do conceito de polifonia para a análise de objetos contemporâneos, que extrapolam a obra bakhtiniana. A título de fechamento, apresentam-se as considerações finais e as referências do trabalho.

Dados dos manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros em estudo

No processo de divulgação do pensamento bakhtiniano no Brasil, é importante destacar a leitura que a Análise do Discurso brasileira fez/faz de Bakhtin nos seus manuais

introdutórios, tanto nas primeiras recepções quanto em suas atualizações, situando-o como um de seus autores fonte. Desse modo, pode-se entender quais são as contribuições do pensamento bakhtiniano para o quadro teórico da disciplina.

Considera-se para a análise dois importantes manuais introdutórios, *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão (Campinas: Editora da Unicamp, 1991; primeira edição) e *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (São Paulo: Pontes, 2021; obra reelaborada e atualizada) com base nas datas de publicação das edições em destaque com a distância de 30 anos entre elas, sendo a primeira obra em sua primeira edição publicada em 1991, e a segunda publicada em 2021, reelaborada e atualizada. É importante esclarecer que a ideia de se analisar manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros surgiu da curiosidade de se aprofundar no estudo de um exemplo dado no capítulo “Divulgação do Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: recepção, tradução e conceito de obra aberta” (STAFUZZA, 2025, p. 87-91) em que se destaca, na recepção brasileira das obras bakhtinianas, um conjunto de ações de divulgação do pensamento bakhtiniano na universidade e, dentre elas, estão esses dois manuais.

O primeiro manual teve sua primeira edição publicada em 1991 pela Editora da Unicamp e nela permanece até sua quinta reimpressão em 2021 (da terceira edição, 2012). De acordo com dados da editora, a segunda edição data de 2004, a terceira edição e até o presente momento, a última, possui revisão e data de 2012. Inicialmente, o segundo manual foi publicado em 2005 (Goiânia: Trilhas Urbanas), de autoria de Cleudemar Alves Fernandes e, em 2007, o manual tem a sua segunda edição publicada (São Carlos: ClaraLuz). Em 2021, a publicação é reelaborada e atualizada (São Paulo: Pontes) e inclui a autoria de Israel de Sá, conforme consta em “Nota a esta edição”, de autoria de Cleudemar Alves Fernandes: “Diferentemente das publicações anteriores, sua preparação se deu por meio de um trabalho em coautoria. A inclusão de um novo autor reflete o lugar do nosso exercício acadêmico, que não é solitário.” (Fernandes; “Nota a esta edição”, 2021, p. 7). O acréscimo de uma coautoria representa parcerias de trabalho ao mesmo tempo que destaca a importância do outro na reelaboração do manual, pois auxilia com outras perspectivas na atualização de uma disciplina que está em constante construção.

Esses dados de publicação dos dois manuais em estudo relatados até aqui mostram a importância que ambos têm nas esferas acadêmica e comercial, permanecendo no mercado editorial e integrando o acervo de bibliotecas universitárias, assim como a bibliografia de disciplinas da graduação e da pós-graduação da área de Linguística na universidade em

âmbito nacional. No caso de *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão, o manual tem 34 anos, enquanto o *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes, e mais recentemente com a parceria de Israel de Sá na coautoria, tem 20 anos, sendo, portanto, ambos os manuais, parte importante que integra a história da disciplina de AD na universidade brasileira.

Diante disso, com o intuito de verificar como a AD brasileira se apropriou de Bakhtin e de Volóchinov e aciona suas contribuições nesses manuais de modo a fomentar o seu quadro teórico, entende-se a importância de se pesquisar os conceitos e ideias formulados a partir do pensamento bakhtiniano que foram trazidos – “migrados”, para usar uma ideia de Arán (2024) – para a disciplina e conhecer as leituras possíveis que os autores russos acionados nos manuais permitem aos estudos de discursos, com destaque para as concepções de língua e de sujeito. Com isso, parte-se para a análise nas próximas duas seções.

Bakhtin e Volóchinov pelas lentes dos manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros e a concepção de língua

O manual *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão, é composto por três capítulos para além de sua “Introdução”, “Conclusão”, “Glossário”, “Bibliografia Básica Comentada” e “Bibliografia”. Com a exceção do primeiro capítulo que traz um percurso histórico e elementos de fundação do campo na França, em todas as demais seções aparecem referências teóricas ao pensamento bakhtiniano, tanto com citações diretas quanto indiretas. O texto referencia autores que trouxeram contribuições de Bakhtin para seus próprios escritos teóricos e difundiram amplamente o autor em seus campos de pesquisa, como é o caso de Jacqueline Authier-Revuz, na Linguística, Oswald Ducrot, na Linguística da Enunciação e Tzvetan Todorov, na Literatura. Ainda, de autores que estabelecem interface de pesquisa com os estudos bakhtinianos em suas publicações como é o caso de Lucia Santaella, na Semiótica, Dominique Maingueneau, na AD francesa e Eduardo Guimarães, na Semântica Enunciativa.

A Introdução do manual de Brandão (1991) é composta por duas seções: a primeira intitulada de “Lingua(gem)⁷ [sic]: uma abordagem interacional” e a segunda de “Entre a língua e a fala: o discurso”. Na primeira seção, a autora destaca que a concepção de

⁷ A segunda edição do manual é de 2004 e foi revisada substituindo-se “Lingua(gem)” (sic) por “Língua/Linguagem” (conforme Brandão, 2004, p. 7).

“lingua(gem)” (sic) trata-se de uma “abordagem interacional” (Brandão, 1991, p. 9), com referência direta à “Bakhtin (Voloshinov, 1929)” como aquele que “com seus estudos, antecipa [...] as orientações da linguística moderna” (Brandão, 1991, p. 9) em relação aos postulados de Saussure do *Curso de Linguística Geral* (CLG), especialmente, da língua como sistema.

A citação direta de “Bakhtin (Voloshinov, 1929)” trata-se especialmente de *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL) e ao debate que Volóchinov⁸ instaura com o CLG, pois a linguística geral considera a dicotomia língua (*langue*)/fala (*parole*), a língua como sistema sincrônico abstrato, ideal e homogêneo, o signo como sinal e a exclusão do enunciado. Ao debater com as formulações do campo da linguística sistêmica, Volóchinov observa a linguagem como interação social, o signo como ideológico e o estudo do enunciado. Quando aciona essa referência direta, Brandão (1991) indica um posicionamento do lugar teórico da AD no que diz respeito à abordagem interacional de “lingua(gem)” (sic) a partir de “Bakhtin (Voloshinov, 1929)”. Isso significa dizer que a concepção interacional da linguagem, advinda da obra MFL, acionada no manual, apresenta-se como um dos fundamentos teóricos centrais para o quadro teórico da AD naquele contexto sócio-histórico inaugural de recepção da obra MFL pela disciplina no manual introdutório.

Na segunda seção da Introdução, “Entre a língua e a fala: o discurso”, Brandão (1991, p. 11-12) reflete sobre a importância de ultrapassar o nível linguístico e considerar os aspectos sociais, históricos e ideológicos que constituem a linguagem para a compreensão do discurso. Para isso, Brandão (1991, p. 12) aciona Braga (1980) – sem especificação de página da citação direta e sem listá-la nas referências bibliográficas do manual –, com a seguinte proposição:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social [...]. Ela é o “sistema-suporte das representações ideológicas [...] é o ‘medium’ social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais” (Braga, 1980) (Brandão, 1991, p. 12).

A citação direta feita por Brandão no excerto supracitado é de autoria de Lucia Santaella, que, na época, usava o nome autoral Maria Lucia Santaella Braga. O texto se encontra no livro *Produção de linguagem e ideologia* (1980, p. 72), especificamente no

⁸ Atualiza-se a grafia da autoria aqui. Pode aparecer, ainda, Bajtín (espanhol) e Bakhtine (francês), assim como Volosinov (inglês), Voloshinov (espanhol), de modo que se mantém a grafia dos nomes conforme registrados nas edições citadas, bem como a atualização da grafia “Volóchinov” advinda das edições traduzidas no Brasil a partir de *Marxismo e filosofia da linguagem* (Editora 34, 2017).

segundo capítulo da obra, intitulado “Literatura e ideologia”. Brandão aborda a linguagem em sua concepção interacional (“a linguagem enquanto discurso é interação”) que se alimenta do aspecto social (“um modo de produção social”), relacionando MFL com a proposição de Santaella que se fundamenta na Semiótica peirceana. Uma curiosidade: neste capítulo de Santaella, ao abordar o problema da ideologia relacionado à literatura, dentre os diversos autores acionados, a autora traz contribuições e críticas às obras MFL⁹, de Voloshinov, e de *O método formal nos estudos literários*¹⁰, de Medvedev, em suas traduções em língua inglesa.

No segundo capítulo do manual, “Sobre a noção de sujeito”, discute-se a questão da subjetividade na linguagem e, dentre as abordagens acionadas, Brandão (1991, p. 43-68) menciona e descreve a de Authier-Revuz (1982) com seu estudo das formas de heterogeneidade discursiva, em que há a articulação do dialogismo, de Bakhtin, do inconsciente, da psicanálise, especialmente, de Freud e Lacan. Ao tratar da noção de sujeito, a autora admite o sujeito histórico, social e ideológico “que situa o seu discurso em relação aos discursos do outro”. (Brandão, 1991, p. 49). A autora finaliza a subseção “2. 1 A Heterogeneidade discursiva” da seção “2. O sujeito descentrado: o eu e o outro”, com a seguinte explanação: “Um dos suportes a que Authier-Revuz recorre para explicar a articulação da realidade das formas da heterogeneidade mostrada no discurso com a realidade da heterogeneidade constitutiva do discurso é o dialogismo concebido pelo círculo de Bakhtin” (Brandão, 1991, p. 51)

É importante destacar que Authier-Revuz, leitora e divulgadora de Bakhtin na Linguística, aciona, em seu texto mais citado, “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours” (DRLAV, 26, 1982, p. 91-151), as seguintes obras de Bakhtin: *Problèmes de l'œuvre de Dostoïevski* (1929), *Problèmes de la poétique de Dostoïevski* (1970), *L'œuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance* (1970) e *Esthétique et théorie du roman* (1978)¹¹. Ducrot, por sua vez, especialmente no oitavo capítulo da segunda parte da obra *Le dire et le dit* (Paris: Minuit, 1984) (*O dizer e o dito*; São Paulo: Pontes, 1987), “Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation” (“Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”),

⁹ *Marxism and the philosophy of language* (Seminar Press, 1973).

¹⁰ *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics* (University Press, 1978).

¹¹ As edições brasileiras são, na ordem em que são mencionadas, respectivamente: *Problemas da obra de Dostoiévski* (Versão 1929) (Editora 34, 2022), *Problemas da poética de Dostoiévski* (Forense-Universitária, 1981), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (Hucitec; EDUNB, 1999), *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance) (Hucitec, 2010).

curiosamente referencia de forma indireta Bakhtin, sem citação diretas e/ou de fontes¹², sendo que, na bibliografia, o autor também não lista nenhuma obra de Bakhtin. O que pode vir a ser uma explicação, encontra-se no próprio capítulo da obra de Ducrot (1987, p. 163, grifos nossos) quando afirma que:

Os estudos de Banfield¹³ sobre o estilo indireto livre foram recentemente discutidos em detalhe por Authier (1978) e Plénat (1975). [...] **Minha própria teoria da polifonia, que deve muito aos dois autores que acabo de citar**, visa a construir um quadro geral onde se poderia introduzir sua crítica a Banfield, quadro que constitui ele mesmo, digo-o desde já, **uma extensão (bastante livre) à linguística dos trabalhos de Bakhtine sobre a literatura**.

Mesmo que Ducrot tenha estabelecido sua “própria teoria da polifonia” e redirecionado o termo na Linguística da Enunciação com a proposta de aplica-la na “argumentatividade como um ato linguístico fundamental, inscrito na própria língua e estruturador do discurso” (Roman, 1992-93, p. 215), desconsiderando a ideologia, acionando o sujeito linguístico e o enunciado em sua forma isolada, sua aparição em Brandão (1991) representa um lugar de afirmação da polifonia – com algumas críticas feitas pela autora que são apresentadas na próxima seção – e, conseqüentemente, de sua produtividade para o quadro teórico da AD brasileira.

Na sequência, Brandão destina a subseção “2.2 Monologismo x Dialogismo” à reflexão sobre a natureza dialógica da linguagem com citações diretas de Bakhtin/Voloshinov (1929), Todorov (1981), Authier-Revuz (1982) e Bakhtin (1975), sendo que esta última referência não aparece citada na bibliografia do manual, mas sim a sua edição francesa, “Du discours romanesque” (1978), publicada na obra *Esthétique et théorie du roman*. No Brasil, trata-se de “O discurso no romance”, publicado no livro *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance), traduzido do russo por Aurora Fornoni Bernardini (et al) (1988/2010). Acredita-se que a edição de 1975 referenciada por Brandão seja a primeira edição russa da obra publicada em Moscou, conforme consta nas prefaciais da edição francesa.¹⁴

A reflexão realizada por Brandão (1991, p. 53) que abrange “O discurso no romance”, em linhas gerais, confirma a natureza dialógica da linguagem e seus participantes no discurso, conforme observa-se a seguir:

¹² Essa verificação foi realizada não somente no capítulo que Brandão (1991) cita, mas na obra toda nas duas edições conforme aparecem no manual.

¹³ BANFIELD, Ann. Où l'épistémologie, le style et la grammaire rencontrent la théorie littéraire: le développement de la parole et de la pensée représentées. *Langue française*, n. 44, p. 9-26, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1979_num_44_1_6168. Acesso em: 28 nov. 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://archive.org/details/esthetiqueettheo0000mmba/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 28 nov. 2025.

A orientação voltada para o destinatário tem na interlocução um fator específico para a dialogização do discurso, pois “toda enunciação depende ‘bivocalmente’ do locutor e do alocutário”. Ao anunciar, o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor na medida em que o concebe não como um mero decodificador, mas como um elemento ativo, atribuindo-lhe, emprestando-lhe a imagem de um contradiscurso: “Constituindo-se na atmosfera do ‘já-dito’, o discurso é determinado ao mesmo tempo pela réplica ainda não-dita, mas solicitada e já prevista” (Bakhtin, 1975: 103)¹⁵ (Brandão, 1991, p. 53).

A autora destaca a dupla orientação da “dialogização do discurso” e a sua materialidade, o enunciado, com citação direta de Bakhtin (1975) – “o discurso é determinado ao mesmo tempo pela réplica ainda não-dita, mas solicitada e já prevista” –, de modo que as concepções de linguagem e de sujeito, no manual, são subsidiadas também pelo pensamento bakhtiniano.

Na sequência deste segundo capítulo do manual, Brandão (1991, p. 57-61) aciona a teoria polifônica de Ducrot (1984; 1987), citando a leitura que o autor faz do conceito de polifonia de Bakhtin para a formulação de sua teoria da enunciação na argumentatividade, sendo que os conceitos de diálogo e polifonia são apropriados pela AD. Essa apropriação aparece amalgamada nas formulações teóricas pecheutianas e foucaultianas realizadas por Brandão (1991). Um exemplo disso é exposto de forma contundente na subseção “3.2 A ilusão discursiva do sujeito”, tanto pelas citações diretas e resenhas de Pêcheux e Fuchs (1975), Foucault (1969) e citação indireta de Bakhtin (1975), quanto pela referência à Orlandi e Guimarães (1986) trazidas por Brandão (1991, p. 67), conforme ocorre a seguir:

Essa noção do sujeito que se desdobra e assume vários papéis no discurso nos remete ao conceito de polifonia, elaborado inicialmente por Bakhtin que opõe (como já vimos) um discurso polifônico, tecido pelo discurso do outro, a um discurso que qualifica de monológico. Para nós, não há discursos constitutivamente monológicos, mas discursos que se “fingem” monológicos na medida em que reconhecemos que toda palavra é dialógica, que todo discurso tem dentro dele um outro discurso, que tudo que é dito é um “já-dito”. É nesse sentido que Orlandi e Guimarães (1986) falam em uma monofonização da polifonia enunciativa, como processo de apagamento de vozes que naturalmente intervêm no discurso pelo seu caráter social e histórico.

Nessa subseção, a autora retoma a questão da dispersão do sujeito teorizada por Foucault (1969) que reconhece o desdobramento de papéis que o sujeito ocupa sócio-historicamente, assim como a ideia de que a constituição do sujeito advém da ideologia, conforme Pêcheux e Fuchs (1975), que observam a linguagem a partir da materialidade do discurso e do sentido, na interpelação do indivíduo em sujeito-falante, ou seja, sujeito do

¹⁵ Na edição brasileira publicada em 1988 (6. ed., 2010), esta citação de Bakhtin encontra-se na p. 89.

discurso. Essas duas leituras são realizadas também em Orlandi e Guimarães (1986), na semântica enunciativa, citado por Brandão, que criticam a noção de unidade textual com a compreensão de que o sentido não é fixo, predeterminado, mas sim construído na enunciação (no momento de uso da linguagem) e influenciado pelas posições sociais e ideológicas que o sujeito ocupa, o que leva à dispersão e à multiplicidade de interpretações. Para isso, os autores mobilizam diversas outras fontes, além das supracitadas, incluindo *La poétique de Dostoiévski*, de Bakhtine¹⁶ (1963) e *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*, de Voloshinov¹⁷ (1980).

É importante mencionar que tanto Bakhtin/Voloshinov (1979) quanto os textos dos pesquisadores leitores de Bakhtin referenciados por Brandão (1991), como Authier-Revuz (1982) e Ducrot (1984; 1984), são citados no manual, conforme já analisado anteriormente, e compõem tanto a “Bibliografia básica comentada” quanto a “Bibliografia” do manual introdutório. Ainda, em seu “Glossário”, Brandão (1991) traz “diálogo” (Brandão, 1991, p. 105) e “polifonia” (Brandão, 1991, p. 109) com explicação de base bakhtiniana de forma citada. Já as palavras “enunciação” (Brandão, 1991, p. 106), “enunciador” (Brandão, 1991, p. 106), “língua” (Brandão, 1991, p. 108), “linguagem” (Brandão, 1991, p. 108) e “locutor” (Brandão, 1991, p. 109) não possuem referencial teórico citado, mas sua formulação possui relação com o pensamento bakhtiniano, mesmo que as acepções possuam alguns filtros leitores como a linguística de Authier-Revuz (1982) e a teoria da enunciação de Ducrot (1984; 1987), conforme já apontado.

Todas as menções a Bakhtin e a Volóchinov em um manual introdutório brasileiro de AD publicado em 1991, que se tornaria um manual introdutório histórico da AD brasileira, indica, a princípio, que o campo considerou importante os postulados bakhtinianos sobre a língua pelo viés social. Isso ocorre porque a abordagem interacional, ao considerar a língua e a fala, considera o sujeito falante (por isso o interesse também no diálogo e na polifonia), assim como o contexto (histórico, social, ideológico, cultural, econômico) que sustenta a situação da comunicação.

Essa importância de distinguir o *sujeito falante* do *sujeito falando* na composição do quadro teórico da AD brasileira evidencia-se de modo mais categórico no manual *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (2021), e é tratada na próxima seção, ao lado de algumas considerações sobre sujeito e a atualização do conceito de polifonia que se revela nos manuais em estudo.

¹⁶ A edição brasileira correspondente é *Problemas da poética de Dostoiévski*.

¹⁷ A edição brasileira correspondente é *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Sujeito e a ampliação do conceito de polifonia nos manuais introdutórios em estudo

O manual introdutório *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (2021), possui oito capítulos, além de duas seções introdutórias denominadas de “Nota a esta edição” e “Proposição”, uma seção final, “Palavras finais”, e duas seções bibliográficas, sendo “Indicações para leituras”, com textos comentados, e “Referências”. Nos dois primeiros capítulos, “A noção de discurso: discurso, ideologia e efeito de sentido” e “O sujeito discursivo: polifonia, heterogeneidade e identidade”, os autores demarcam a contribuição do pensamento bakhtiniano para o quadro teórico da AD brasileira.

Especificamente no final do primeiro capítulo, “A noção de discurso: discurso, ideologia e efeito de sentido”, os autores expõem a seguinte acepção para sujeito discursivo: “constituído na inter-relação social, não é o centro do seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos”. (Fernandes; Sá, 2021, p. 29). Os autores ainda acrescentam que a noção de sujeito discursivo exige “reflexões sobre as noções de polifonia, heterogeneidade e identidade” (Fernandes; Sá, 2021, p. 30), sendo que tratam dessa questão no capítulo seguinte, “O sujeito discursivo: polifonia, heterogeneidade e identidade”. Nota-se que o conceito de polifonia permanece no construto teórico da disciplina neste manual com o filtro de leitura de Authier-Revuz, de modo que o conceito se expande no campo.

É importante mencionar que Bakhtin (1981, p. 03), ao estudar o romance de Dostoiévski, observa que o romance não é somente plurivocal, o autor destaca que as vozes dos personagens são excepcionalmente independentes da voz do autor na estrutura da obra, uma vez que “A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor”. Bakhtin explora exclusivamente a tese do romance polifônico, definindo Dostoiévski como “o criador do *romance polifônico*” e de “um gênero romanesco essencialmente novo” (Bakhtin, 1981, p. 03, grifos do autor), a partir da comparação de obras de Tolstoi.

O conceito de polifonia tem origem na música medieval e possui origem popular, trata-se de uma técnica em que duas ou mais vozes são compostas, conservando um caráter melódico e rítmico individualizado, ou seja, é possível distinguir as vozes que se

desenvolvem na música, opondo-se ao canto gregoriano da Igreja, monódico, uníssono¹⁸. Quando Bakhtin traz a polifonia do campo da música e a reformula para a pesquisa na literatura, o autor faz uma migração teórica – para citar uma proposição de Arán (2024, p. 168) que, por sua vez, menciona especialmente a migração realizada por Bakhtin na biologia, com o conceito de gênero. Bakhtin (2018, p. 11) também faz outra migração teórica do conceito de cronotopo que, a princípio, advém das ciências matemáticas e é apropriado por Einstein para a sua teoria da relatividade. Compreende-se que as migrações teóricas resultam em interpretações de teorias e de conceitos advindos de outras áreas que podem ser reelaborados pelo campo que o apropria, resultando na expansão/transformação da teoria e/ou o conceito.

A comparação que Bakhtin faz “do romance de Dostoiévski com a polifonia vale como analogia figurada” (Bakhtin, 1981, p. 16), uma vez que no romance polifônico de Dostoiévski, o autor observa que diversas vozes ideológicas contraditórias coexistem com o próprio narrador, sendo possível, portanto, distingui-las, “ouvi-las” a partir de seu lugar ideológico, ou seja, não há uma sobreposição de vozes. Conforme Bakhtin (1981, p. 2, grifos do autor): “*A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski*”. Isso significa dizer que a polifonia no romance de Dostoiévski resulta em vozes “plenas de valor, que mantêm com as outras vozes do discurso uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo” (Bakhtin, 1981, p. 2; nota da tradução de Paulo Bezerra). Bakhtin (1981, p. 2; grifos do autor), ainda, afirma que “é precisamente *a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade”. A polifonia bakhtiniana resulta em vozes autônomas, que não se objetificam, participam do diálogo em pé de igualdade com outras vozes e não se confundem.

Especialmente no segundo capítulo do manual de Fernandes e Sá (2021), “O sujeito discursivo: polifonia, heterogeneidade e identidade”, os autores conceituam polifonia:

Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. A presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso, denomina-se **polifonia** (pela composição dessa palavra, temos: poli = muitos; fonia = vozes). Face à não uniformidade do sujeito, à polifonia constitutiva do sujeito

¹⁸ Ver mais em: ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin - O trajeto polifônico de uma metáfora. *Revista Letras*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, v. 41/42, p. 207-220, 1992-93. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19126>. Acesso em: 28 nov. 2025.

discursivo, temos a noção de **heterogeneidade**, que, em oposição à homogeneidade, designa um objeto constituído de elementos diversificados; no caso em foco, um sujeito constituído por vários e diferentes discursos. (Fernandes; Sá, 2021, p. 36, grifos dos autores).

É possível observar uma outra leitura do conceito que se distingue daquela teorizada por Bakhtin (1981). Ao mesmo tempo, tem-se a consolidação da leitura dos estudos de Authier-Revuz das heterogeneidades discursivas que se mostra correlacionada ao conceito de polifonia, pois ao considerar “um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos”, especialmente porque “face à não uniformidade do sujeito, à polifonia constitutiva do sujeito discursivo, temos a noção de **heterogeneidade**, que [...] designa um [...] sujeito constituído por vários e diferentes discursos.” Ainda, de acordo com Fernandes e Sá (2021, p. 37, grifos dos autores), “Os conceitos de *dialogismo* e *polifonia* tiveram originalmente o texto literário como objeto de estudo, mas não se limitam a ele, estendem-se aos discursos cotidianos, integram a existência dos sujeitos no mundo.” Assim sendo, Fernandes e Sá (2021, p. 46, grifo dos autores) apresentam uma reformulação do conceito na AD: “**Polifonia**: multiplicidade de vozes, oriundas de diferentes espaços sociais e ideológicos, de diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo”. Nesse sentido, observa-se que Brandão (1991, p. 91; grifos nossos) descreve a polifonia como um “conceito elaborado inicialmente por Bakhtin que o aplicou à literatura, foi retomado posteriormente por Ducrot que lhe deu um tratamento linguístico. **Refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro**”.

Nota-se que, nos quadros teóricos da AD brasileira expostos nos manuais introdutórios, a polifonia bakhtiniana que resulta na participação igualitária de vozes no discurso romanesco de Dostoiévski, que não se confunde com a voz do autor, é reelaborada em um percurso teórico inicialmente mediado por Brandão (1991, p. 91). A autora examina o tratamento linguístico do conceito dado por Ducrot, mas destaca as limitações do uso que o autor faz de polifonia, ao referenciar o texto de Guimarães (1986)¹⁹, em que o autor adverte que “Ducrot exclui a noção de história que, para Bakhtin é uma noção fundamental” (Brandão, 1991, p. 61). Por isso a reelaboração do conceito de polifonia “refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do

¹⁹ GUIMARÃES, Eduardo. Polifonia e tipologia textual. In: FÁVERO, L. L.; PASCHOAL, M. S. Z. (Orgs.). *Linguística Textual: texto e leitura*. Série Cadernos PUC, 22. São Paulo: EDUC, 1986, p. 75-88.

outro”: marca-se a ideia de que a polifonia depende da interação entre sujeitos, sendo elemento de base na produção dos discursos.

Em Fernandes e Sá (2021) nota-se uma atualização de leitura de recepção da fonte bakhtiniana do conceito de polifonia, que não passa por Ducrot, uma vez que o linguista não é referenciado. Seu desaparecimento, por um lado, representa a superação do tratamento puramente linguístico dado ao conceito por Ducrot, que não satisfaz o quadro teórico e metodológico da disciplina. Por outro lado, polifonia ganha novos contornos nos estudos discursivos, se amplia, instaurando-se na atualidade como um conceito não hegemônico (assim como são os gêneros do discurso²⁰). O que se verifica é que no manual de Brandão, ao acionar autores da Linguística da Enunciação, na época, um campo em ascensão, a autora primeiro aponta aproximações teóricas entre as disciplinas que tinham em comum a desvinculação da linguística geral, para posteriormente distingui-las na base de suas concepções:

Ao fazermos o percurso teórico em que caminhamos da teoria subjetivista da Teoria da Enunciação para a teoria não subjetivista da Análise do Discurso, o que nos preocupou foi verificar como a questão do histórico e, conseqüentemente, do ideológico se inserem na questão do linguístico e como isso acarreta perspectivas discursivas diferentes (Brandão, 1991, p. 68).

Em Fernandes e Sá (2021, p. 14), essa preocupação expressa por Brandão aparece como já superada, não é preciso mais distinguir os campos 30 anos depois, pois: “A construção teórica da Análise do Discurso, de suas primeiras proposições aos dias atuais, passou por reelaborações, por alterações [...]” e, nesse sentido, os autores sublinham especificidades e complexidades do objeto discurso, explicando que “decorre do fato de discurso implicar uma exterioridade à língua, ser apreendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais” (Fernandes; Sá, 2021, p. 12).

Observa-se que Fernandes e Sá (2021, p. 46) explicam que a polifonia pode ser caracterizada por uma “multiplicidade de vozes, oriundas de diferentes espaços sociais e ideológicos, de diferentes discursos, constitutivas do sujeito discursivo.” Isso aponta para a característica de obra aberta dos escritos bakhtinianos e da potencialidade de suas concepções

²⁰ Ver: SOUZA, Nathan Bastos de. Ensino de gêneros discursivos: um olhar para migrações teóricas, condições de leitura e circulação das ideias científicas. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 26-42, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/55434>. Acesso em: 27 nov. 2025.

serem apropriadas e ressignificadas pelas lentes de outras disciplinas, com objetivos diferentes do trabalho desenvolvido por Bakhtin (1981), pautados em suas próprias teorias.

Na atualidade, com o imenso volume de pesquisas que abordam a polifonia em diferentes materialidades, entende-se que a AD, dentre tantas outras disciplinas que fazem uso do conceito, ultrapassa a obra bakhtiniana, justamente porque o conceito de polifonia em Bakhtin (1981) é exclusivo do discurso romanesco de Dostoiévski. Um exemplo dessa expansão do conceito é o surgimento desta acepção de “sujeito polifônico” no manual introdutório de Fernandes e Sá (2021, p. 29) e a possibilidade de análise das diversas vozes sociais em diversos *corpora* (político, midiático, pedagógico, jurídico, jornalístico, publicitário, institucional etc.), para além do campo literário e da obra de Dostoiévski como preconiza Bakhtin (1981).

Com referência direta de PPD, de Bakhtin (1981) e do texto de autoria Beth Brait, “Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem”, publicado no livro organizado pela própria autora, *Bakhtin: dialogismo e a construção dos sentidos* (Campinas: Editora da Unicamp, 1997), Fernandes e Sá (2021, p. 37-38) apresentam a seguinte proposição:

O estudo do romance do literato supracitado [Dostoiévski] possibilitou a compreensão e a explicitação da natureza heterogênea constitutiva da linguagem e dos sujeitos. Assim, o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo, o que nos leva, com Mikhail Bakhtin, à constatação de que o sujeito é polifônico. A linguagem sempre será apreendida em uma situação social e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro” são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação.

Observa-se, especialmente, a consolidação da leitura das heterogeneidades discursivas, de Authier-Revuz (1982) no quadro teórico da AD brasileira, que se fortalece no manual introdutório de Fernandes e Sá (2021) também com citações diretas e indiretas de outras fontes atualizadas da autora se se considerar a primeira edição do manual de Fernandes (2005), como Authier-Revuz (1998; 2004). Ainda, a proposição exposta traz a formulação da abordagem interacional da linguagem, também realizada em Brandão (1991), que destaca que os sujeitos são constituídos pelo processo de interação social. Na primeira edição do manual de Fernandes (2005) é o nome de Bakhtin que se coloca à frente de MFL nas referências bibliográficas, junto de PPD. Em sua reelaboração e atualização em Fernandes e Sá (2021) cita-se nas referências exclusivamente PPD, sendo que, as citações diretas e indiretas, assim

como as resenhas que compõem o manual, indicam que a leitura da abordagem interacional da linguagem constitui ponto de reflexão teórica estabilizada na AD brasileira nos manuais introdutórios em estudo, mesmo que MFL não seja fonte referenciada diretamente.

Para finalizar, destaca-se no manual introdutório de Fernandes e Sá (2021, p. 35) a distinção que os autores fazem de “sujeito falante” para “sujeito falando” que afasta a ideia do sujeito empírico do quadro teórico da AD brasileira. Nos escritos bakhtinianos, o sujeito por vezes é a pessoa e por vezes é o texto, a voz, quem fala. Mesmo que no manual não apareçam citações diretas à MFL, de Volóchinov ou à ECV, de Bakhtin, ou seja, obras que explanam a ideia de sujeito falante, compreende-se que a leitura instaurada revela uma posição teórica do campo em consolidar, também metodologicamente, que a disciplina não se interessa pela pessoa. Ao mesmo tempo, o manual introdutório de Fernandes e Sá (2021), mesmo sem referenciar outras obras de Bakhtin e MFL, de Volóchinov, reverbera leituras iniciais do campo da AD brasileira que considerou/considera a língua a partir dos processos de interação social entre sujeitos, notadamente expressos em MFL. Logo, observa-se que a AD brasileira, nos manuais introdutórios aqui analisados, encontra no pensamento bakhtiniano, fonte consolidada no que diz respeito às concepções de língua e de sujeito para a análise de discursos.

Considerações finais

A epígrafe que inaugura o presente trabalho é uma citação de Arán (2024, p. 168) que aponta para possíveis decorrências das migrações humanas, que transformam os espaços e, conseqüentemente, a vida, porque há uma fusão de culturas. Nesse sentido, no âmbito das “políticas da interpretação e do funcionamento da linguagem” (Arán, 2024, p. 74), é possível compreender a atualidade do pensamento bakhtiniano, pois, pela característica de obra aberta, oferece subsídios para diversas áreas do conhecimento e suas disciplinas, de modo que seus conceitos podem passar por migrações, porque são apropriados por outras teorias, “bem como pela diversidade de *corpora* de estudo acionada pelos(as) pesquisadores(as), não previstos na obra bakhtiniana, mas que pelo potencial teórico e analítico, oferece base de leitura para a análise de objetos contemporâneos” (Stafuzza, 2024, p. 316).

Os dois manuais introdutórios de Análise do Discurso brasileiros aqui analisados, tais sejam, *Introdução à Análise do Discurso*, de Helena Nagamine Brandão (Campinas: Editora da Unicamp, 1991; primeira edição), e *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, de

Cleudemar Alves Fernandes e Israel de Sá (São Paulo: Pontes, 2021; obra reelaborada e atualizada) são textos que ilustram efetivamente o modo como a disciplina de AD recebe os escritos de Bakhtin e de Volóchinov por meio das traduções a que se tinha acesso, bem como consolida em seu quadro teórico as concepções de língua, pela abordagem interacional, e de sujeito (polifônico).

No primeiro manual analisado (Brandão, 1991) é possível verificar que a recepção de leitura é realizada a partir das obras *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (MFL), bem como do texto “O discurso no romance”, sendo que a abordagem interacional da linguagem é ponto nodal do texto. Destaca-se também autores(as) leitores(as) de obras bakhtinianas e de MFL, de Volóchinov, de diferentes disciplinas, que a autora aciona para o diálogo teórico que traz contribuições, especialmente, as que se destacam na análise deste estudo: as heterogeneidades discursivas de Authier-Revuz, na Linguística, e a reelaboração do conceito de polifonia por Ducrot, na Linguística da Enunciação.

Já no segundo manual analisado (Fernandes; Sá, 2021), mesmo que a única obra com citação direta seja PPD, em sua primeira edição de 2005, Fernandes também cita MFL e essa leitura apresenta-se na edição atualizada de 2021 de modo consolidado, tanto em relação à abordagem interacional da linguagem, quanto pela reformulação do conceito de polifonia que amplia e extrapola o estudo que Bakhtin faz do romance de Dostoiévski. O conceito de polifonia nos dois manuais introdutórios encontra-se atrelado a questão de todo e qualquer discurso ser constituído por uma heterogeneidade de vozes, possíveis de serem identificadas, descritas, analisadas.

O que se aponta até aqui é suficiente para compreender que a divulgação do pensamento bakhtiniano encontra campo produtivo de pesquisa no Brasil pela característica de obra aberta e de seus conceitos poderem ser lidos e interpretados por diversas disciplinas com suas lentes teóricas, dentre as quais, destaca-se a AD brasileira. Em um primeiro momento, conforme analisado no manual de Brandão (1991), conceitos bakhtinianos importantes subsidiam o quadro teórico da AD e, em um segundo momento, no manual de Fernandes e Sá (2021), observa-se a leitura consolidada de ideias bakhtinianas da recepção realizada pela disciplina, especialmente as concepções de língua e sujeito, com a ampliação de conceitos correlacionados, como é o caso da polifonia.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, 26, p. 91-151, 1982. DOI: <https://doi.org/10.3406/drlav.1982.978>
- ARÁN, Pampa Olga. **A herança de Bakhtin**: reflexões e migrações – seleções de textos. Tradução Nathan Bastos de Souza. Campinas: Mercado de Letras, 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira feita a partir da tradução francesa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EDUNB, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (a teoria do romance). Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. 6. ed., São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2009.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio. Uma obra à prova do tempo. In: BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2008, p. V-XXII.
- BRAGA, Maria Lucia Santaella. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: EDUC, 1991.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª ed. rev., Campinas: EDUC, 2004.
- DUCROT, Oswald. Esquisses d'une théorie polyphonique de l'énonciation. In: **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984, p. 171-233.
- DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: **O dizer e o dito**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987, p. 161-218.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves.; SÁ, Israel de. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Paulo: Pontes, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláevitch. **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo: Contexto, 2012.

ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin - o trajeto polifônico de uma metáfora. **Revista Letras**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, v. 41/42, p. 207-220, 1992-93. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19126>. Acesso em: 28 nov. 2025.

SOUZA, Geraldo Tadeu de. Boris Schnaiderman e Mikahĩl M. Bakhtin. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 225-239.

SOUZA, Nathan Bastos de. Estudos bakhtinianos: acesso, agenda e circulação das ideias no Brasil. In: STAFUZZA, G.; SOUZA, N. B. (Orgs.). **O Círculo de Bakhtin (Volóchinov, Medviédev) no Brasil: história, interações em pesquisa e o porvir**. Campinas: Mercado de Letras, 2025, p. 15-69.

STAFUZZA, Grenissa. Divulgação do Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: recepção, tradução e conceito de obra aberta. In: STAFUZZA, G.; SOUZA, N. B. (Orgs.). **O Círculo de Bakhtin (Volóchinov, Medviédev) no Brasil: história, interações em pesquisa e o porvir**. Campinas: Mercado de Letras, 2025, p. 71-113.

STAFUZZA, Grenissa. O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: episteme, autoria e tradução em perspectiva dialógica. **Heterotópica**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 1; n. 1, jan.-jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48519>

STAFUZZA, Grenissa. Migrações do pensamento bakhtiniano nas lentes analíticas de Pampa Arán: resenha de “A herança de Bakhtin: reflexões e migrações (seleção de textos)”. **Heterotópica**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, v. 6, n. 2, 2024, p. 313-318. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP>

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 28 de agosto de 2025
Aceito em: 13 de novembro de 2025